

## O marxismo contra os pós-marxistas

Juliana de Souza Dantas – UFRN

EVANGELISTA, João E. *Crise do marxismo e irracionalismo pós-moderno*. São Paulo: Cortez, 2002.

João Emanuel Evangelista, doutor em Ciências da Comunicação e professor adjunto da graduação e do Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), atua principalmente no desenvolvimento de pesquisas voltadas para a análise de comportamento político, comunicação política e eleições. Já lançou os seguintes livros: *Crise do marxismo e irracionalismo pós-moderno*, 2002 e *Tear de homens: relações de poder em fábricas têxteis*, 2001.

O livro que hora resenhamos, *Crise do marxismo e irracionalismo pós-moderno*, é resultado da fundamentação teórica da dissertação de mestrado intitulada *Práxis e consciência operária: resistência dos trabalhadores no cotidiano da indústria têxtil no Rio Grande do Norte*, defendida na UFRN. A obra fora publicada pela Cortez Editora na Coleção Questões de Nossa Época; v. 7, em 2002.

Por uma sintética e belíssima apresentação feita pelo Prof. Dr. José Willington Germano o livro tem início. Nesta, ele expõe que João Emanuel Evangelista admite lucidamente a existência de novas problemáticas sociais, mas nem por isso perde de vista o viés analítico e interpretativo marxista como forma de estudar macroestruturas racionalizantes. Nesta medida, esclarece o apresentador, Evangelista se preocupa com “as posturas irracionalistas, nas quais têm caído as ciências sociais contemporâneas, como forma encontrada para responder aos problemas atuais, defendendo, intransigentemente, o racionalismo, cuja expressão máxima é representada pelo pensamento de Marx, como teoria social capaz de apreender o real”.

A essa apresentação, segue uma introdução esclarecedora, desenvolvida pelo autor, apontando ao leitor as chaves analíticas escolhidas por ele para desenvolver sua tese. Expõe uma reflexão bibliográfica acerca da classe trabalhadora no Brasil em geral, e na indústria têxtil em particular, entabulando daí a discussão do marxismo como expressão teórica capaz de dar conta dessa dinâmica social contemporânea. Num primeiro momento, o autor põe em destaque os argumentos dos críticos do marxismo, relacionando-os a um tipo de irracionalismo contemporâneo. Num segundo momento, analisa, a partir das contribuições de Lukács e Gramsci, determinados conceitos e categorias que confirmam a atualidade do marxismo como instrumental analítico dos fenômenos sociais do presente. Com esses esclarecimentos prévios, ele divide a obra em duas grandes seções. A primeira, intitulada *Crise do marxismo e irracionalismo pós-moderno*, que contém quatro subseções; e a segunda, intitulada *Contemporaneidade da teoria marxista*, contendo igual número subseções.

Na primeira seção é desenvolvida uma crítica aos que dizem que estaríamos diante de uma verdadeira *crise de paradigma*, em geral, e diante da “crise do marxismo”, em particular. À luz das contribuições teórico-críticas de Emir Sader (1986), Evangelista diz que essas afirmações apresentam fragilidades, como, por exemplo, as argumentações de teóricos como Castoriadis. Argumenta que esses críticos exigem a descoberta de um novo modo de olhar as relações interindividuais, pois, na visão deles, aquilo que caracterizou o desenvolvimento das ciências sociais, até bem pouco tempo atrás, se esgo-

tou, necessitando de uma “nova” teorização social, ou seja, deve haver uma superação da teorização do marxismo; mas, ao mesmo tempo em que rejeitam o marxismo, por ‘salamaleques’ intelectuais, e não abertamente, reconhecem eles, acentua Evangelista, que Marx descobriu “um lugar para a teoria”, concebendo-a como elemento da práxis social e como instrumento para a transformação social do mundo. Seguindo adiante, ele discorre uma série de contribuições históricas reconhecidas pelos que hoje rejeitam o marxismo.

O autor sente a necessidade de reportar-se à fonte analítica de Sader, que é Castoriadis (1985), para melhor analisar e proporcionar ao leitor uma compreensão mais clara do universo teórico dos críticos do marxismo. Castoriadis se torna um interlocutor importante na discussão de Evangelista, pois se dirige contra a teoria marxista das classes sociais, objetando que o proletariado desapareceu como sujeito revolucionário privilegiado, e que o mesmo deve dar lugar a uma pluralidade de sujeitos sociais igualmente importantes. Com esse viés interpretativo de Castoriadis, autor vinculado ao pós-estruturalismo francês e ao pensamento pós-moderno, afirma Evangelista, as classes não poderiam mais ser pensadas como sujeitos coletivos fundamentais na trama social da ordem vigente.

Neste sentido, faz-se necessário ressaltar que as discussões que se seguem o obrigam a recorrer a uma série de teóricos, tais como Perry Anderson e Zaidan Filho, que compartilham da preocupação intelectual com a crescente abrangência de teorias pós-modernas nas ciências sociais, em detrimento de uma ontologia materialista-dialética do ser social.

Colocando-se totalmente contra a postura da impossibilidade de se apreender racionalmente um sentido no processo histórico-social, Evangelista diz que o marxismo, ao contrário do caráter fragmentário que lhe é atribuído por essas teorias, reivindica para si a condição de pensamento totalizante e integralizador como expressão teórica do movimento dialético do real e que, por isso, é o único capaz de conhecer e explicar racionalmente a totalidade

histórica de uma modernidade completamente dilacerada pela dupla crise de âmbito global: a crise mundial do capitalismo e a do “socialismo real”.

Pensando nisso, Evangelista repõe na ordem do dia as contribuições clássicas de Lukács, filósofo húngaro, o qual discute a ontologia do ser social numa perspectiva histórico-materialista, partindo da análise do trabalho como “protoforma” da práxis humana, o que implica na intervenção da consciência, ou o que ele chama de “prévia ideação”.

Na segunda seção do livro, *A contemporaneidade da teoria marxista*, o autor discute a redefinição de alguns conceitos ou categorias, dentre as quais, a política. Diz ele que esta é uma das categorias que mais provocaram críticas ao marxismo, destacando a interpretação vulgar do stalinismo. Tal interpretação construiu um “sistema” teórico considerando o conjunto das relações sociais, das formas de consciência social e os fenômenos políticos como manifestações decorrentes diretamente das relações de produção e do modo de produção. Nessa interpretação, a determinação econômica dispõe os fenômenos sociais numa hierarquia em que o Estado e suas instituições políticas seriam sua culminação. Nessa perspectiva, a luta de classes obedeceria a uma ordem de manifestação que iria do “econômico” ao “político”, ou seja, esclarece Evangelista, “a luta operária atingiria seu apogeu quando estivesse dirigida para a conquista do Estado, suprimindo as relações de produção capitalistas e a dominação burguesa, através da revolução socialista”. Assim, o “econômico” e o “político” terminam sendo considerados como momentos diferentes e antinômicos da luta de classes, o que não pode ser imputado ao marxismo em geral, declara Evangelista, pois são apenas parcialmente verdadeiros. Em seguida, o autor expõe de maneira clara e precisa as deturpações operadas por tal viés interpretativo, descendo a análises da cientificidade do marxismo, e recorrendo a Carlos Nelson Coutinho (1981) para apoiá-lo nessa defesa.

Continuando na perspectiva política do marxismo, Evangelista repõe a contribuição de Antonio Gramsci, destacando que a política não é apenas

a determinação estatal, passando esta a ser constituída pela sociedade política e pela sociedade civil, ou seja, direção e consenso, hegemonia e ditadura, e ampliando, portanto, a teoria do Estado. Desse modo, a política deixa de ser apreendida a partir da manipulação imediata da realidade e passa a ser uma forma de práxis social. Nesse sentido, afirma o autor, o aporte teórico de Gramsci demonstra cabalmente a vitalidade que a interpretação dialética do marxismo pode dar para a apreensão do real em nossa contemporaneidade, no sentido de um *novo sempre reposto* pelo movimento dialético. Significa dizer que, ao invés de passar pela “destruição das pretensões totalizadoras”, isso requer necessariamente a retomada da totalidade concreta, ou seja, diferentemente do “estilhaçamento” da política, o que se tem é a *ampliação do campo da política*.

Alguns outros conceitos importantes passam a ser tratados nas páginas seguintes do livro, como: cotidiano, reificação e totalidade concreta. Quanto à questão do cotidiano, recorre à contribuição lukacsiana e às formulações mais recentes de Karel Kosik. Para Lukács, o cotidiano possui três determinações: a heterogeneidade, a imediatividade e a superficialidade extensiva. Não pretendemos, aqui, retomar as explicações de tais conceitos, uma vez que estão muito bem explicitados na obra em referência, apenas dizemos, com Evangelista, que o cotidiano na sociedade burguesa é uma cotidianidade reificada, na medida em que o sujeito é dialeticamente *alguém-ninguém*. Essa reificação é exacerbada no modo capitalista de produção pela generalização do fetiche da mercadoria, no qual as relações, ao invés de se darem entre os produtores de mercadorias, se dão entre os produtos do trabalho. Nessa realidade reificada, a opacidade é a marca dos fenômenos e das relações sociais, só podendo ser compreendida através de uma reconstituição ontológica pela via da totalidade concreta.

Assim sendo, afirma Evangelista, no estudo da classe operária é necessário ultrapassar o nível das relações individuais e momentâneas, que relega os trabalhadores a uma multidão de seres isolados, abs-

traíndo-lhes as suas condições sociais de existência, e sem considerá-los como partes componentes de uma totalidade.

Neste sentido, Evangelista passa a discutir a teoria das classes sociais em Marx, afirmando que não há uma divisão das classes sociais, por um lado, pelas condições “objetivas” de existência e, por outro lado, pela substantividade na organização e na ação coletiva; se assim o fosse teríamos, diz ele, que elidir a dialética do pensamento de Marx, e isto, definitivamente, está fora de questão, uma vez que, é porque seu pensamento é dialético que o *objetivo* e o *subjetivo* não são termos isolados e antinômicos; são, antes de mais nada, relacionados e reciprocamente referenciados, são *unidade* e não dualidade. São, enfim, uma síntese que se exprime na noção marxista de práxis sócio-humana. Assim, o conceito de classe social é uma síntese da dialética do “em si” e do “para si”, em um processo social unitário.

Nessa perspectiva da formação das classes sociais, Evangelista lembra de E. P. Thompson que, tentando desenvolver uma crítica, não faz mais que reafirmar as formulações clássicas do marxismo, na medida em que as classes sociais são o resultado de como os homens experimentam, diferenciadamente, certas relações de produção em uma determinada formação econômico-social. Nesse aspecto, o mérito de Thompson, reitera Evangelista, é recuperar a maneira marxiana de pensar as classes sociais, isto é, de entender as classes sociais como condensações de determinadas relações sociais, que são permanentemente repostas em novas condições históricas.

Ocorre algo diferente na perspectiva de Sader, diz Evangelista, o qual entende a realidade teleologicamente, na qual ao proletariado cabe apenas cumprir o papel que lhe foi definido pelas “leis da História”, não lhe cabendo, portanto, mudar o mundo, o que redundaria numa concepção “objetivista”. Não é bem assim, esclarece Evangelista: “as classes sociais não são apenas ‘realidade virtual’, como quer Sader, mas uma realidade efetiva em contínua objetivação como síntese de múltiplas relações sociais”.

Partindo desse pressuposto, Evangelista discute a noção de *consciência de classe*, em geral e no proletariado. Afirma que o marxismo não só deu relevo a essa discussão, como também é o que se mostra mais interessante dentre as concepções teóricas contemporâneas. Para fundamentar essa afirmação, retoma as discussões de Lukács, afirmando ser o mais emblemático sobre essa temática, e Thompson, pela repercussão teórica no Brasil. Ainda recorre a Lênin e termina a discussão com a sua opção teórica a partir das indicações de Gramsci.

Reafirma que Gramsci contribui, decisivamente, para a análise das classes sociais, na medida em que apresenta vários graus distintos que correspondem a diversos momentos da consciência, diferentes e articulados entre si: o primeiro é o econômico-corporativo, o segundo, solidariedade de interesses; o terceiro momento é a passagem nítida da estrutura para a supra-estrutura.

Dessa maneira, a resistência operária volta ao centro do debate. Segundo Evangelista, ela é, em última análise, a classe que tem potencialidade transformadora, uma vez que ainda se constitui no produtor coletivo direto das mercadorias. Nesse sentido, é nas lutas cotidianas que se visualiza a transformação da classe operária, do espaço original para uma classe nacional com vocação hegemônica.

Pela clareza da exposição e profundidade da argumentação em defesa do marxismo contra os pós-marxistas, recomendamos a leitura deste livro por ser um texto que atende aos leitores mais exigentes e familiarizados com as temáticas abordadas, mas que é acessível a quem se inicie nos estudos da realidade social. De fato, Evangelista faz em seu livro um retrospecto das formulações marxistas sob seus múltiplos aspectos, rebatendo a caducidade do marxismo e o destacando como categoria analítica do real.